

TRIBUNA LIVRE

✉ Twitter: @Lucibonini
... LUCI BONINI



Violência contra a mulher

O próximo dia 25 de novembro é o Dia Internacional da eliminação da violência contra a mulher. Entre as violências praticadas contra as mulheres, apontam-se aquelas entre as mais jovens, que são mais vulneráveis ao sexo forçado, por isso, acabam morrendo infectadas pelo HIV/Aids.

Há em alguns países mulheres que são mortas brutalmente pelos pais ou mesmo pelos maridos, porque a família não pode pagar o dote matrimonial. Calcula-se que mais de 130 milhões de meninas e mulheres que estão vivas hoje foram submetidas à mutilação genital, sobretudo na África e em alguns países do Oriente Médio.

Em algumas culturas, ainda, as mulheres acusadas de adultério são

assassinadas em defesa da honra.

Segundo estimativas da ONU, 80% do tráfico de pessoas no mundo é de mulheres e meninas. Na Austrália, no Canadá, em Israel, na África do Sul e nos Estados Unidos, de 40% a 70% das mulheres vítimas de homicídio foram mortas pelos parceiros, segundo a Organização Mundial da Saúde.

O Brasil é o 7º colocado em violência contra a mulher no mundo. Em 2010, a carta de Brasília afirma que as relações desiguais entre homens e mulheres sustentam a violência contra mulher, porque elas sempre foram consideradas inferiores. O mesmo texto mostra que, a cada cinco dias de falta de uma mulher no trabalho, um é decorrente de violência doméstica e no Brasil a cada quatro minu-

tos uma mulher é agredida em seu próprio lar.

A violência contra a mulher custa caro aos cofres públicos. Nos Estados Unidos, o custo ultrapassa os



O Brasil é o 7º colocado em violência contra a mulher em todo o mundo

5,8 bilhões de dólares por ano: 4,1 bilhões de dólares em serviços médicos e quase 1,8 milhão de dólares de perda de produtividade.

No Reino Unido, os custos totais da violência doméstica, incluindo a dor e o sofrimento, chegam a 23 bilhões de libras por ano, ou 440 libras por pessoa.

As políticas públicas

para coibir o avanço da violência contra as mulheres ainda são ineficientes no Brasil.

Embora haja institutos para produzir dados estatísticos e organizações que lutam para reduzir esses índices, faltam ainda campanhas educativas nos meios de comunicação de massa, abrigos para que elas possam ir com seus filhos se forem vítimas de violência e faltam estratégias de comunicação entre hospitais e delegacias para denunciar os casos de mulheres hospitalizadas que apresentem lesões que possam advir de violência doméstica. Respeito, tolerância e solidariedade são as bases da cidadania!

✉ Luci Bonini

É dra. em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP, professora universitária e coordenadora do Grupo de Pesquisa em Políticas Públicas da UMC

BOCA NO TROMBONE

✉ paulopassos@ig.com.br
... PAULO PASSOS



“Estamos juntos!”

Atendendo à determinação do Supremo Tribunal Federal, vários condenados no processo do “mensalão”, quase que de imediato, compareceram a unidades da Polícia Federal em seus Estados, para se apresentarem. Chamaram a atenção, por parte daqueles que compunham o braço político do esquema, as declarações exaltadas, por meio das quais se declaravam “presos políticos”, tendo suas sentenças nascido do empenho da mídia, das elites, e de um mal-formado e dirigido processo.

No Estado de São Paulo, contando com claque a apoiá-los com palavras de ordem, os “Josés” Genuíno e Dirceu, braços estendidos e de forma apoteótica, fizeram suas últimas aparições públicas e se encerraram nos cárceres que lhes eram destinados.

E não foram sós. Simbolicamente, ao declarar que “estavam juntos”, o presidente Lula também se sentiu encarcerado. Logo ele, o que não via, não ouvia e pouco falava? Aquele que atirou ao fogo os seus mais próximos para, quem sabe, preservar a tal de “governabilidade”? O que, talvez com medo de enfrentar as consequências dos atos espúrios derivados da orgia com o dinheiro público, fez barganha com todos, cercou-se do que de mais degradante existe na república brasileira?

Há pouco, surgiu na televisão comercial sobre veículo, em que os ocupantes usavam a mesma expressão (“estamos juntos”), para, ao depois, como soe acontecer, tomarem os seus rumos, deixando o “amigo íntimo” em apuros. O filme, embora engraçado, expressa bem os tempos atuais, em que cada um olha apenas

para o seu umbigo, cuida exclusivamente de si.

Deve ser inspirado nele que o político em questão lançou a frase. Afinal, enquanto os seus companheiros de luta de outrora, por



Logo ele, o que não via, não ouvia e pouco falava? O que atirou ao fogo os seus mais próximos?

zombarem da população brasileira encaram cana grossa, o ex-mandatário, em troca de polpudas quantias viaja o mundo, recebe os rapapés de praxe em suas incipientes palestras.

Afinal, enquanto os declarados criminosos experimentam os rigores das penas, o cabo eleitoral de elite, gozando das benesses do Estado, dando ordens no “círculo dos íntimos”, posando de “todo poderoso”,

sempre em boa companhia e com a desculpa de “criar alianças”, passeia “livre, leve e solto” pelo País.

Principalmente em nação em que o povo se esquece das mazelas tão rapidamente, como no nosso, o exercício da linguagem é bastante fácil. Lançadas ao ar, as palavras se dissipam à mais leve brisa, se esvaem como nuvem de fumaça.

Quisesse Lula ser fiel à sua proclamação e, de fato, “estar junto” com os seus parceiros de empreitada, com a coragem que um dia teve, deveria se colocar como o efetivo chefe da sórdida ação assumindo suas responsabilidades. A Justiça, por certo, se encarregaria de fazer da frase abstrata, fato concreto. Ainda falta um!

✉ Paulo Passos

É advogado, mestre e doutor em Direito pela PUC-SP

ARTIGO

TATIANA BORENSTEIN



✉ editor@moginews.com.br

O sucesso da empresa e a valorização da equipe

Os colaboradores de qualquer empresa são parte fundamental para o sucesso ou o fracasso dos negócios. Nem todos os empresários entendem ou reconhecem isso, mas o fato é que, sem uma boa equipe, empenhada e motivada, as chances de crescimento são praticamente zero.

Por isso a valorização de funcionários é tão importante. Assim como as boas empresas para se trabalhar, os bons profissionais também são bastante disputados e precisam sentir que seu talento está sendo reconhecido. É o que nós, do Grupo Marbor, fazemos com as nossas equipes

A empresa precisa manter a novidade, a motivação

da Marbor Locadora, da Marbor Administradora e do Hotel Marbor.

Quem é qualificado, mostra diferenciais e esforço em busca de crescimento pessoal, profissional e, claro, da empresa onde trabalha merece ser destacado. Não é fácil encontrar pessoas assim, por isso, quando encontramos, fazemos de tudo para que elas continuem conosco. Investimos em muitos programas de valorização, que vão além do tratamento básico do dia a dia entre direção e equipes, como a Avaliação de Desempenho, que é um programa cujas regras estão descritas em um manual, feito por nós de maneira muito criteriosa, que mostra quanto vale, em pontos, cada ação dos colaboradores. A pontuação é individual e quem define esses pontos é uma comissão, que tem como missão ser justa e imparcial.

A Avaliação de Desempenho dá prêmios, mas o fator de maior importância é o reconhecimento

do trabalho. A cada fim de semestre, nove pessoas são premiadas e homenageadas em um evento de encerramento do período, com a participação de todos.

Além disso, oferecemos bolsas de estudos (em universidades, escolas técnicas e de idiomas), temos a Caixa de Ideias, que é um recurso que permite que os colaboradores façam sugestões, e demais ações consideradas fundamentais pela empresa e que têm proporcionado resultados significativos.

São apenas alguns exemplos de medidas que tomamos e que podem ser tomadas por empresas de todos os tipos e portes, para capacitar, solidificar e valorizar o seu time. Esse investimento proporciona excelentes resultados, inclusive uma expressiva redução do turn over (rotatividade de funcionários), que é um problema comum em muitas companhias.

E essas ações devem ser contínuas, renovadas e intensificadas sempre. É importante manter a novidade, a motivação, para que as pessoas queiram participar. Outra coisa interessante é fazer com que os colaboradores se sintam parte dos projetos e da empresa como um todo. Na nossa Caixa de Ideias, por exemplo, todas as sugestões são lidas e os funcionários recebem um retorno sobre o que propuseram, mesmo que a ideia seja inviável.

Essa participação direta das pessoas faz com que elas se sintam também uma parte responsável pelo sucesso da empresa. E de fato são, mas nem todos os líderes deixam isso claro para os seus liderados. Já passou da hora de o relacionamento entre colaborador e chefe ser revisto.

✉ Tatiana Borenstein

É diretora-administrativa do Grupo Marbor